

**O SCHOLARLY SELF E A CONSTRUÇÃO DO "OLHAR DO HISTORIADOR":
PROBLEMAS E DISCUSSÕES DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO**

JOÃO RODOLFO MUNHOZ OHARA*

Se por um lado é possível dizermos que há algum tempo os historiadores tomaram consciência da historicidade de seu próprio ofício, dos limites intransponíveis impostos ao seu trabalho por fatores históricos, também podemos dizer que ainda carecemos de evidências substanciais que nos permitam dizer quais foram as consequências dessa “tomada de consciência”. Desde pelo menos a década de 1970, com obras importantes como *L'Écriture de l'Histoire*, de Michel de Certeau, *Comment on écrit l'histoire*, de Paul Veyne, ou *Metahistory*, de Hayden White, e todo o acalorado debate suscitado pela ideia de que o próprio ofício do historiador seria um produto de forças históricas, desde então não é possível afirmar que os problemas teórico-metodológicos dos historiadores são restritos à sua rotina prática de pesquisa. Inúmeros textos proclamando “revoluções” na historiografia profissional e outros tantos “balanços historiográficos” foram publicados, a grande maioria fundamentada em evidências anedóticas e experiências restritas (CAPELATO et al., 1994; RAGO, 1993; id., 1995¹; VAINFAS, 2009; entre outras); a cada ano, um novo “turn” promete abalar as estruturas da “historiografia tradicional” em prol de uma “nova perspectiva”. Neste sentido, o recente crescimento quantitativo e qualitativo das pesquisas que tomam a própria historiografia como problema é salutar: uma história da historiografia que se pretenda mais que a crônica das grandes escolas e dos grandes historiadores, capaz de situar a produção historiográfica de cada época em relação às formações discursivas com as quais se avizinha.

Entre as várias abordagens possíveis para levar a cabo o estudo da historiografia enquanto um fenômeno histórico, gostaria de me focar particularmente na proposta levantada por Herman J. Paul em um projeto de pesquisa do qual resultam vários artigos, desde 2011 até hoje. Justifico tal recorte dizendo que é inspirado nas linhas gerais do projeto de Paul que elaboro minha própria pesquisa. Em 2011, Paul argumentou que era preciso que nos

* Doutorando em História na Universidade Estadual Paulista – Unesp, campus de Assis, sob orientação do prof. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr. Bolsista Fapesp – processo nº 2013/16289-0.

¹ Em artigo um pouco mais nuançado, a prof. Rago elabora algo mais próximo de um balanço sistemático da historiografia do período (final do século XX). Ver RAGO, 1999. Sem negar o valor que esse tipo de balanço tem para as disciplinas, gostaria de salientar as limitações desse tipo de texto, na linha do que Stefan Collini chama de “história disciplinar”, em relação a um tipo de abordagem historiográfica que visa investigar as condições de possibilidade, os fundamentos e os limites dos saberes considerados enquanto formações discursivas e históricas. Para mais, ver COLLINI, 1988; KOOPMAN, 2013; OHARA, 2015.

debruçássemos sobre as práticas dos historiadores; se, de Hempel a Hayden White, havíamos discutido as propriedades e os fundamentos do texto historiográfico, chegara a hora de avaliarmos também a constituição dessa figura estranha chamada “historiador”. Para tanto, ele propunha o estudo do papel das “virtudes epistêmicas” na oficina da história (PAUL, 2011b), aludindo a debates recentes na epistemologia de língua inglesa (cf. BAEHR, 2011; FAIRWEATHER; ZAGZEBSKI, 2001; ROBERTS; WOOD, 2007), segundo os quais o exercício de disposições virtuosas (como o “amor à verdade”, ou a “honestidade intelectual”) seria importante para a aquisição de conhecimento. No mesmo ano, publicou um artigo no qual examinava a questão do distanciamento na historiografia alemã do século XIX (PAUL, 2011a), e, desde então, vem apresentando resultados interessantes (PAUL, 2012a; id., 2012c; id., 2013; id., 2014a; id., 2014b).

Nesta apresentação, gostaria de explorar brevemente a arquitetura conceitual de Paul e detalhar a maneira pela qual me aproprio dela. Em primeiro lugar, exploro os conceitos de “virtude epistêmica” e “*scholarly self*” nos escritos de Paul, apresentando o funcionamento dos mesmos em relação ao seu objeto. Em seguida, mostro como reordenei as coordenadas de tais conceitos tendo em vista uma hipótese mais geral a respeito da subjetivação dos historiadores modernos, além de resolver questões abertas na transposição de tal abordagem de uma pesquisa sobre a historiografia profissional europeia do século XIX para a historiografia profissional brasileira do século XX. Por fim, deixo abertas algumas questões que devem nortear os próximos passos da pesquisa, a fim de dialogar com os colegas aqui presentes e colher críticas e sugestões.

“Virtudes epistêmicas” e o “*Scholarly Self*” – a hipótese de Paul

Em seu texto propositivo de 2011, Paul afirma que boa parte da reflexão em teoria e filosofia da história de Hempel a White se concentrou na historiografia enquanto um produto pronto e acabado, ao qual restaria apenas ser estudado, dissecado, analisado. Em contraste, propunha tratar a historiografia como um processo de produção:

Historiadores se curvando sobre documentos antigos cuidadosamente removidos de pastas cinzentas em caixas marrons de arquivo, ou escrevendo um rascunho para um artigo, estão engajados em atividades performativas. Eles leem, selecionam, associam, interpretam, definem e formulam, sem mencionar uma dúzia de outras atividades [...] (PAUL, 2011b, p. 3)

Essa afirmativa deveria soar muito pouco estranha aos historiadores, que se dizem “acostumados” com os questionamentos de um Michel de Certeau, para o qual “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira.” (CERTEAU, 2008, p. 80) Em sua divisão tripartite da operação historiográfica, a *escrita de um texto* era apenas um elemento do complexo dispositivo que garantiria à historiografia seu estatuto em uma sociedade. Neste sentido, em termos “familiares” aos leitores de Certeau, o que Paul propõe é um estudo sistemático do nível das *práticas* dos historiadores, e, para tanto, propõe uma abordagem possível – entre tantas outras. Tal abordagem se posicionaria em relação a um par conceitual: “virtude epistêmica” e “*scholarly self*”.

O conceito de “virtude epistêmica” se refere a disposições desejáveis de um sujeito que deseja produzir “crenças verdadeiras justificadas” – um termo específico da epistemologia que podemos tratar *grosso modo* como “conhecimento”.² Neste sentido, o exercício de “honestidade intelectual”, ou de “*open-mindedness*”, ou de outras disposições intelectualmente virtuosas seria parte importante ou indispensável para que um indivíduo produzisse conclusões que se poderiam chamar de verdadeiras e confiáveis.

Para a teoria da história ou a história da historiografia, no entanto, o conceito adquire um novo sentido e abre um caminho diferente. Aqui, importa mais considerar que determinadas disposições foram (ou são) consideradas pelos historiadores como virtuosas (ou viciosas) no exercício de seu trabalho – e, neste sentido, estão presentes em um longo trabalho de subjetivação ao qual se submetem neófitos e veteranos a fim de exercer bem seu ofício. Diz Paul: “A ideia de que o "fazer" de um historiador possa ser conceitualizado em termos de virtudes e vícios dificilmente teria surpreendido autores de manuais de metodologia como Charles Victor Langlois, Charles Seignobos, John Martin Vincent, e Marc Bloch.” (PAUL, 2011b, p. 5) Não é difícil encontrar evidências a respeito do uso da linguagem moralizante

² Embora existam grandes controvérsias a respeito da correspondência, da proximidade ou distância entre “*justified true belief*” (“crença verdadeira justificada”) e “*knowledge*” (“conhecimento”), aprofundar tais discussões não traria ganhos significativos para a discussão deste trabalho. Um dos textos considerados fundamentais para tal discussão é GETTIER, 1963.

presente nos escritos de mestres historiadores – em especial quando se tratam de manuais de metodologia ou textos combativos.³

Mas mais do que elaborar um inventário das diferentes virtudes às quais aspiraram os historiadores do passado ou às quais aspiram os historiadores do presente, importa mostrar como diferentes conjuntos de disposições se desenvolveram e atuaram na oficina da historiografia profissional, como diferentes grupos ou escolas historiográficas pregaram ou ainda pregam determinadas condutas em detrimento de outras, ou como diferentes dispositivos de subjetivação atuaram na construção dessas figuras que chamamos geralmente de “historiadores”. (PAUL, 2011b; id., 2012c)

Desse conceito inicial, deriva o segundo: o “*scholarly self*” trata justamente das diferentes constelações formadas pelos diferentes arranjos de virtudes epistêmicas em diferentes períodos e por diferentes grupos. Conforme mencionado anteriormente, diferentes textos veiculam diferentes disposições a serem cultivadas por seus leitores; o conjunto dessas disposições forma o “*scholarly self*”. (PAUL, 2014b) Esse conceito está bastante próximo daquilo que Lorraine Daston e outros chamaram de “*scientific persona*” (DASTON; SIBUM, 2003), referindo-se às diferentes linguagens normativas usadas para definir as características de um cientista, ou das pesquisas de Conal Condren e seus colegas (CONDREN et al., 2006) a respeito da figura do filósofo. *Grosso modo*, todas essas pesquisas se perguntam a respeito dos diferentes mecanismos em operação nos processos construtores de determinadas subjetividades – historiador, em Paul, o cientista, em Daston, ou o filósofo, em Condren.

Da mesma maneira como com as virtudes individualmente, não interessa muito elaborar um inventário exaustivo, uma linha temporal que pressuponha algum tipo de progresso ou qualquer coisa do tipo. Questionar os diferentes “*selves*” visa recolocar o próprio historiador enquanto um problema para a história, expandindo o território da teoria da história e da história da historiografia para além da dimensão das narrativas e dos relatos. Frente aos questionamentos sociais e políticos levantados pela ideia de que os historiadores não devem deter o monopólio da escrita da história, é importante investigarmos cada vez mais detalhadamente essa figura.⁴ (PAUL, 2014b)

³ Em FEBVRE (1989) e BLOCH (2001), por exemplo, mas também em JENKINS (1999) e JENKINS et al. (2007), modernos e “pós-modernos” desfilaram em suas páginas todo um catálogo axiológico em relação ao qual os historiadores deveriam se posicionar.

⁴ Episódios recentes no Brasil, como o da Comissão Nacional da Verdade ou a polêmica envolvendo projeto de lei que regulamenta a profissão de “historiador”, parecem ser evidência suficiente de que o ofício vem

Herman Paul recortou, para sua pesquisa, a historiografia europeia dos séculos XVIII e XIX, tendo apresentado trabalhos sobre a historiografia alemã (PAUL, 2011a; id., 2013), holandesa (id., 2012a) e austríaca (id., 2014a). Suas principais fontes têm sido os manuais de metodologia, obituários, correspondências e diálogos em periódicos da época, e seus resultados têm sido importantes. Além da história da historiografia, Paul tem refinado seus conceitos e investido no campo da teoria e filosofia da história, questionando os mecanismos atuantes na produção dos “*scholarly selves*” e situando tais problemas em relação ao horizonte contemporâneo da teoria da história. (id., 2011b; id., 2012b; id., 2012c; id., 2014b)

Da Europa, XIX, ao Brasil, XX

Minha pesquisa doutoral, no entanto, se refere a período e espaço distintos dos de Paul. Seria difícil defender uma transposição direta de seus métodos e conceitos, ainda mais levando em conta as especificidades de cada objeto. Então gostaria de precisar melhor a maneira pela qual tenho me apropriado dos conceitos e da hipótese que expliquei até agora.

Primeiramente, gostaria de dizer que considero o problema das virtudes epistêmicas e do “*scholarly self*” sempre em relação à questão mais ampla dos processos de subjetivação estudados, entre outros tantos, por Michel Foucault. Essa questão aparece desde livros como *Surveiller et Punir*, ou *Naissance de la Clinique*, nos quais diferentes formações discursivas e relações de poder constroem *posições* de sujeito – o médico, o enfermo, o delinquente –, e ganha maior amplitude com as questões do “último Foucault”, nas quais aparecem as “técnicas do cuidado de si”.⁵ É importante lembrarmos que mesmo o *cuidado de si* não representa a libertação plena do sujeito, como gostariam alguns críticos; mesmo aí o sujeito está *assujeitado* em relação a outra coisa. Todo o tema do cuidado de si está ligado a duas questões igualmente importantes: (1) *querer ser conduzido* de outra maneira⁶ e (2) cuidar de si como *ação política*. (FOUCAULT, 2010a) Assim, longe de restituir ao sujeito seu lugar

perdendo sua obviedade e precisa dar satisfações a respeito do que tem a oferecer se quiser manter seu lugar e suas prerrogativas.

⁵ Para um volume no qual esses problemas são tratados de maneira bastante profícua, ver MARTIN et al., 1988. Em relação aos cursos de Foucault, ver especialmente FOUCAULT, 2010a; id., 2010b.

⁶ O problema da liberdade e do agenciamento em Foucault é bastante complexo, e explorar tal via requereria um trabalho dedicado somente a tal tarefa. Para o propósito deste texto, basta lembrarmos que Foucault pensava que, embora *assujeitado*, era possível que o indivíduo optasse por ser conduzido “de outra maneira”, “por outros agentes”. Cf. CANDIOTTO, 2013; FOUCAULT, 2008, p. 257 et seq.

privilegiado de fundamento da história, a história dos “*scholarly selves*” apresenta, em meu entendimento, as diferentes maneiras pelas quais foram elaboradas diferentes posições de sujeito e os diferentes arranjos de disposições que podemos encontrar sob o rótulo enganador de “historiador”, tirando-o de sua obviedade e mostrando o funcionamento de uma maquinaria produtora de subjetividade.

Em seguida, além dessa mutação de horizonte,⁷ opero um deslocamento geográfico e temporal: ao invés da historiografia europeia do século XIX, estudo a historiografia brasileira do final do século XX. Do ponto de vista metodológico, seria impossível evitar correções de curso. Paul trabalha com manuais e correspondências, dois tipos de fontes que não são tão comuns para o período que designei para minha pesquisa. Depois de avaliar previamente a produção dos anos de 1980 no Brasil, pareceu-me que as resenhas e os prefácios se apresentavam como os melhores substitutos. É neste tipo de texto que os historiadores veiculavam suas avaliações dos trabalhos de seus pares, indicando seus pontos fortes e suas fraquezas, analisando seus fundamentos.

A linguagem axiológica, normativa, e a construção dos parâmetros de avaliação dos pares permitem que descrevamos a situação das *virtudes epistêmicas* e dos *scholarly selves* visados pelo período. Isso porque, embora as resenhas se refiram a outros textos, elas se referem a qualidades desses textos que resultam diretamente do trabalho do historiador. Neste sentido, dizer que um texto é fundamentado em “extensiva pesquisa bibliográfica” ou em “grande sensibilidade histórica” traz subsídios para entendermos o que se espera do historiador. Não se trata de questionar “o que se diz aqui que não está dito”, mas de tomar essas avaliações em sua positividade, de tomar as resenhas em sua superfície, e verificar ali as habilidades e disposições requeridas de um historiador para que este possa realizar bem seu trabalho.

Questões e Considerações Finais

Outras abordagens já foram bem sucedidas em mostrar a historicidade dos historiadores, não apenas no Brasil. Mas a questão da construção de um “*scholarly self*” não

⁷ Embora Paul cite brevemente que o conceito de *scholarly self* pressupõe um tipo de cuidado próximo ao que Foucault designou por *cuidado de si*, não fica claro se ele concordaria com o que exponho nesta apresentação. Dessa forma, quaisquer limitações e fragilidades dessa máquina devem ser cobradas exclusivamente deste que vos fala.

recebeu tanta atenção: as virtudes louváveis e as habilidades dos historiadores foram consideradas como dádivas pessoais, pelo espectro do indivíduo e de seu esforço, de seu suor e de sua luta. Gostaria de perguntar justamente pela maquinaria que torna possível esse tipo de prática de si – essa luta, esse suor – e pelas diferentes maneiras pelas quais um indivíduo pode *ser conduzido* e *se tornar* historiador. Assim, não apenas a orientação individual estabelecida pelos seminários de Ranke e consolidada no modelo universitário moderno, mas também todo o processo de formação de um campo profissional no qual os pares concorrem e, ao mesmo tempo, validam-se entre si.⁸ Tornar-se historiador, cultivar o “olhar do historiador”, toda uma linguagem mística é mobilizada para explicar um processo complexo de construção de subjetividade. É para descrever esses mecanismos que os conceitos aqui apresentados me parecem ter sua maior utilidade.

Algumas questões permanecem abertas, no entanto. Quantos modelos de “*scholarly selves*” podem conviver contemporaneamente? Como estabelecer as hierarquias entre virtudes epistêmicas? (PAUL, 2012c) Quais outras disciplinas podem compartilhar com a historiografia de determinados conjuntos de virtudes epistêmicas? E até que ponto podemos estabelecer conjuntos mais ou menos gerais, como “o cientista”, “o acadêmico”? (DASTON; SIBUM, 2003; PAUL, 2011b)

Bastante pontual, minha pesquisa não ambiciona responder a todos esses problemas mais gerais, mas se for possível contribuir mesmo que minimamente para entendermos o funcionamento desse problema em diferentes períodos e com diferentes grupos, estarei satisfeito. Se puder instigar leitores e pesquisadores a refletirem sobre essas questões, então minha tarefa estará cumprida.

Referências Bibliográficas

BAEHR, Jason S. **The inquiring mind**: on intellectual virtues and virtue epistemology. Oxford (UK): Oxford University Press, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**, ou, O Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: EdUFSC, 2011.

⁸ Recupero aqui a perspectiva sociológica brilhantemente desenvolvida por Pierre Bourdieu (2011) e Michèle Lamont (1987; 2009; 2012).

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a Crítica da Verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; GLEZER, Raquel; FERLINI, Vera Lúcia Amaral. Escola uspiana de História. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 349-358, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

COLLINI, Stefan. “Discipline History” and “Intellectual History”: reflections on the historiography of the social sciences in Britain and France. **Revue de Synthèse**, Paris, v. 109, n. 3-4, p. 387-399, 1988.

CONDREN, Conal; GAUKROGER, Stephen; HUNTER, Ian (Org.). **The philosopher in early modern Europe: the nature of a contested identity**. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2006.

DASTON, Lorraine; SIBUM, H. Otto. Introduction: Scientific Personae and Their Histories. **Science in Context**, Tel Aviv, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2003.

FAIRWEATHER, Abrol; ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus (Org.). **Virtue epistemology: essays on epistemic virtue and responsibility**. Oxford (UK): Oxford University Press, 2001.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. **O Governo de Si e dos Outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GETTIER, Edmund. Is justified true belief knowledge?. **Analysis**, Oxford (UK), v. 23, n. 6, p. 121-123, 1963.

GOMES, Ângela de Castro. **História & Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

JENKINS, Keith. **Why History?** Ethics and postmodernity. New York: Routledge, 1999.

JENKINS, Keith; MORGAN, Sue; MUNSLOW, Alun (eds). **Manifestos for History**. New York: Routledge, 2007.

KOOPMAN, Colin. **Genealogy as critique: Foucault and the problems of modernity**. Bloomington: Indiana University Press, 2013.

LAMONT, Michèle. **How professors think: inside the curious world of academic judgment**. Cambridge (US): Harvard University Press, 2009.

_____. How to Become a Dominant French Philosopher: The Case of Jacques Derrida. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 93, n. 3, p. 584-622, 1987.

_____. Toward a Comparative Sociology of Valuation and Evaluation. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 38, n. 1, p. 201-221, 2012.

MARTIN, Luther H.; GUTMAN, Huck; HUTTON, Patrick H. (Org.). **Technologies of the self: a seminar with Michel Foucault**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. A Constituição de Séries na História da Historiografia: problemas de método e possibilidades de pesquisa. In: XXXI SEMANA DE HISTÓRIA DA UNESP/ASSIS. **Anais...** Assis: Unesp, 2015, p. 425-438.

PAUL, Herman. Distance and Self-Distanciation: intellectual virtue and historical method around 1900. **History & Theory**, Middletown, v. 50, n. 4, p. 104-116, 2011a.

_____. How Historians Learn to Make Historical Judgments Historical Judgement: The Limits of Historiographical Choice. **Journal of the Philosophy of History**, Groningen, v. 3, n. 1, p. 90-108, 2009.

_____. Manuals on Historical Method: a genre of polemical reflection on the aims of science. BOD, Rens; MAAT, Jaap; WESTSTEIJN, Thijs (Org.). **The making of the humanities: The Modern Humanities**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2014a. (The Making of Humanities, v. 3).

_____. Performing History: how historical scholarship is shaped by epistemic virtues. **History & Theory**, Middletown, v. 50, n. 1, p. 1-19, 2011b.

_____. The heroic study of records: The contested persona of the archival historian. **History of the Human Sciences**, Durham (UK), v. 26, n. 4, p. 67-83, 2013.

_____. The Scholarly Self: ideals of intellectual virtue in Nineteenth-Century Leiden. BOD, Rens; MAAT, Jaap; WESTSTEIJN, Thijs (Org.). **The making of the humanities: From Early Modern to Modern Disciplines**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2012a. (The Making of Humanities, v. 2).

_____. Virtue Ethics and/or Virtue Epistemology: A Response to Anton Froeyman. **Journal of the Philosophy of History**, Groningen, v. 6, n. 3, p. 432-446, 2012b.

_____. Weak Historicism: On Hierarchies of Intellectual Virtues and Goods. **Journal of the Philosophy of History**, Groningen, v. 6, n. 3, p. 369-388, 2012c.

_____. What is a Scholarly Persona? Ten theses on virtues, skills, and desires. **History & Theory**, Middletown, v. 53, n. 3, p. 348-371, 2014b.

RAGO, Luzia Margareth. A "Nova" Historiografia Brasileira. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 7, n. 11, 73-96, 1999.

_____. As Marcas da Pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 121-143, 1993.

_____. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, 1995.

ROBERTS, Robert Campbell; WOOD, W. Jay. **Intellectual virtues**: an essay in regulative epistemology. Oxford: Oxford University Press, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. História Cultural e Historiografia Brasileira. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 217-235, 2009.